
Painel 5

“If it doesn't spread, it's dead” – Formatos discursivos sobre música na construção de uma esfera pública em rede

Paula Gomes Ribeiro (coord.)
CESEM / NOVA FCSH

A intervenção diária de utilizadores da internet em todo o mundo na produção de textos sobre música, reflete e investe-se em alterações profundas da produção de esfera pública, estilo de vida e dinâmicas comunicacionais (Hjarvard 2018; Benkler 2006; Mahloully 2013). O envolvimento de cidadãos na produção de todo o tipo de comentários sobre concertos, álbuns, festivais, efemérides, e outros eventos, de fandom ou de divulgação dos seus próprios projetos, é reveladora de que a centralização de autoridade sobre a produção e disseminação de discursos já não se situa exclusivamente em determinados órgãos de imprensa ou agentes de ‘reconhecida notoriedade’, críticos e ‘gatekeepers’, mas sim numa ampla rede de produtores envolvidos na produção contínua e colaborativa de conteúdos (Bruns 2008). Os filtros editoriais conhecem alterações significativas, observando-se uma gestão participativa da transmissão de conteúdos, que podem ser não só partilhados, como comentados, recortados, ampliados ou parodiados de diversos modos.

Neste painel, propomo-nos discutir alguns aspetos desta alteração de paradigma, observando a emergência e expansão de formatos e comportamentos de comunicação deliberativos sobre música no contexto de comunidades transnacionais. Observamos o modo como músicos, amadores de música, fãs e entusiastas se organizam em redes e comunidades, criando ou expandindo audiências em sistemas comunicacionais interativos. Examinamos, em estudos de caso, os comportamentos discursivos de comunidades e indivíduos online no que respeita aos seus hábitos de produção de conteúdos sobre música com a finalidade de melhor compreender algumas das dinâmicas deste ecossistema emergente. Apresentamos perspectivas ancoradas em quatro investigações em curso, respetivamente sobre a atividade discursiva na produção da categoria de ‘música ciberpunk’; a circulação de memes de ‘música erudita’ em páginas do Facebook; a negociação de agência através da produção de discursos, no ‘metal’ e finalmente, novos formatos da produção de comentário, crítica e jornalismo musical partindo do ciberespaço português.

Jornalismo musical participativo, fandom transformacional e discursos de recepção na Internet

André Malhado
CESEM / NOVA FCSH

Numa sociedade profundamente mediatizada (Couldry e Hepp 2017), o mundo social está fundamentalmente interligado com os media. Nesta conjuntura tecnológica a internet tem-se tornado cada vez mais um veículo de disseminação de informação e de conteúdos culturais, e as paisagens digitais contam cada vez mais com a presença activa de produtores (Bruns 2007), por

vezes engajados em lógicas de jornalismo participativo (Lasica 2003). No domínio da música, estes tipos de agentes sociais produzem não apenas textos de crítica musical, como fandom transformacional (Jenkins, Ford e Green 2013) – disseminam conteúdos musicais com rótulos ou descrições detalhadas, rescrevendo assim o significado da música para melhor servir os interesses de determinadas comunidades de fãs.

Nesta comunicação observo algumas manifestações de produção discursiva de recepção musical na internet, discutindo como tipos de crítica musical podem ser lidos à luz de uma teoria de jornalismo participativo visto ser produzida por vários utilizadores que acedem a uma mesma página de internet. Analiso também uma prática de associação de conceitos musicais a compilações de música, defendendo que essa descontextualização modifica a sua interpretação (mesmo que não altere o seu conteúdo sonoro), produzindo uma comunicação específica que condiciona a audição musical e promove narrativas que questionam a definição dessas obras musicais.

Para o efeito observam-se dois contextos de produção textual realizada por fãs de música ciberpunk: os artigos de crítica musical presentes na página de internet Neon Dystopia realizados em comunidade; e alguns canais de YouTube direccionados para fãs de música ciberpunk onde se produzem compilações de música organizadas segundo a categoria “cyberpunk music”.

Palavras-chave: recepção musical; crítica musical; jornalismo participativo; fandom transformacional; música cyberpunk

André Malhado desenvolve investigação nos domínios da sociologia da música; música, media, comunicação e tecnologias; ciberculturas e ciberpunk; teoria, análise e metodologias das ciências musicais: particularmente desde finais do século XIX e até à atualidade. Encontra-se neste momento a terminar o Mestrado de Ciências Musicais (especialização em Musicologia Histórica) na NOVA FCSH, com uma Dissertação que discute o panorama histórico, teórico e conceptual da música ciberpunk em audiovisuais narrativos produzidos entre 1982 e 2017, com o objetivo de propor uma teoria de base musicológica e sociológica. É membro do CESEM, e dos seus grupos de investigação G.T.C.C., SociMus e CysMus.

“My metal is better than yours”: o elitismo como crítica musical e símbolo de pureza no circuito online do heavy metal contemporâneo

Marcelo Franca

O circuito actual de heavy metal contempla uma miríade de subgéneros musicais, cada um destes com as suas características individuais em termos composicionais, performativos e sociais, constituindo, assim, nichos dentro do panorama físico e digital. Estes grupos originam comunidades fluidas e em constante transformação, e que se dinamizam em diversos espaços online, como fóruns e redes sociais (Facebook, Youtube e Reddit, por exemplo), nos quais discutem e partilham desde produtos musicais às próprias bandas, contribuindo para uma segmentação entre os vários subgéneros, nos quais se assiste a uma aproximação de um essencialismo que procura determinar a forma mais “pura” de apreciação e consumo de heavy metal. À luz de concepções hegelianas e o pensamento adorniano, o conceito de cultura de massas e a manifestação deste no meio musical metaleiro é perpetuado através do fortalecimento do underground como um meio de resistência aos agentes intrusivos da música popular e da óptica do heavy metal como o intermediário da arte musical “incorrutível”.